REFLEXÃO

EDITORIAL

Rastros do monstruoso no sagrado

Editor
Breno Martins Campos

Conflito de interesses
Não há conflito de interesses.

Recebido
20 maio 2025

Aprovado
26 maio 2025

Rastros do monstruoso no sagrado

Mariano Carou[1], Flavia Soldano-Deheza[1], Ceci Maria Costa Baptista Mariani[2]

[1] Universidad del Salvador, Facultad de Filosofía, Historia, Letras y Estudios Orientales. Buenos Aires, Argentina. Correspondência para: F. SOLDANO-DEHEZA. E-mail: <licsoldano@gmail.com>.
[2] Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Campinas, SP, Brasil.

Como citar este artigo: Carou, M.; Soldano-Deheza, F.; Mariani, C. M. C. B. Rastros do monstruoso no sagrado. *Reflexão*, v. 50, e15902, 2025. https://doi.org/10.24220/2447-6803v50a2025e215902pt

Em setembro de 2023, no âmbito da Faculdade de História, Letras, Filosofia e Estudos Orientais da Universidade de Salvador (Buenos Aires), aconteceu o Primeiro Congresso Interdisciplinar de Literatura e Transcendência, em conjunto com a *Red Behemot de Investigación*. Sob o título "Traços do Monstruoso no Sagrado", pesquisadores do Chile, Brasil e Argentina apresentaram seus trabalhos. Este foi o primeiro encontro presencial de pesquisadores e pesquisadoras que vêm se debruçando sobre este tema desde 2020, tendo inclusive já publicado um dossiê nesta mesma revista em 2022 (Nogueira; Carbullanca Nuñes; Díaz Araujo, 2022). Este dossiê, em continuidade e em busca de aprofundamento desta pesquisa, estende-se ao campo interdisciplinar, trazendo trabalhos sobre textos da Antiguidade, da Idade Média e da contemporaneidade.

A intersecção entre os vários grupos envolvidos com esta pesquisa se concentrou nas margens do discurso religioso, no sagrado e na transcendência como um problema teopoético e cultural. Dessa forma, foi abordada a fronteira epistêmica onde se encontram as manifestações estéticas do monstruoso, do grotesco, do híbrido e do apócrifo. De uma perspectiva descentrada que, ao mesmo tempo, constrói pontes para o aberto, emergiram várias perspectivas sobre esta fronteira epistêmica, que Rui Teixeira chama de "teotopologia literária".

> Se existisse uma teotopologia literária, e se alguma pragmática a auxiliasse, ela certamente serviria para estabelecer sistemas de coordenadas multidimensionais que, nos vastos territórios da literatura, nos permitiriam situar o teoliterário, analisar sua organicidade paradoxalmente eutópica e distópica, e documentar a diversidade topológica das teotopias, esses lugares que Deus (como questão) habita, mesmo quando parece habitar apenas o sentimento de sua ausência (Teixeira, 2019, p. 9).

Se o lugar paradoxal que a teotopologia implica nos desafia, será necessário nos questionar sobre essa construção. A topologia é uma disciplina matemática e geométrica, cuja lógica se expande para outros domínios, como a arquitetura ou a discursividade, localizando a possibilidade de abordar fenômenos que são elusivos à consciência, ou seja, indeterminados, contraditórios e complexos (Romero Contreras, 2020). Uma das suas dificuldades é que opera com superfícies e não com entidades; dessa forma, rompe-se com a lógica dos princípios de identidade, terceiro excluído e

CC BY

não contradição. É assim que ela consegue superar a ideia de excesso e desmedida como algo fora da norma, que se opõe a outros espaços e outras possibilidades estéticas numa articulação binária. De fato, a topologia apresenta a possibilidade de operar com a linguagem como uma espacialidade paradoxal onde a borda que geralmente marca a fronteira entre o interior e o exterior, o centro e a periferia, pode ser dobrada e deformada como uma nova terceira instância.

Talvez o exemplo mais facilmente disponível seja o da fita de Moebius, que não tem certo nem errado, nem dentro nem fora, e que permite a abertura de um campo epistemológico sem fronteiras, uma nova superfície sem os limites claros do pensamento ontológico. Da mesma forma, essas múltiplas relações espaciais que se projetam e se sobrepõem, dobrando-se em novas possibilidades chamadas "morfismos", incorporam a possibilidade do buraco, do deformado e do indizível como construções de um pensamento de trânsito entre e transformações de espaços (Romero Contreras, 2020).

Vale destacar que a teorização de Lacan sobre o sujeito, o corpo e o inconsciente, bem como sua leitura do livro *O Estranho* (1919), de Freud, está posicionado no paradigma da lógica paraconsistente que ultrapassa os princípios acima mencionados (Eidelsztein, 2019), permite articular essas coordenadas topológicas em várias de suas possíveis figuras, como a já mencionada faixa de Moebius, e também a figura do touro, localizando o *unheimlich* como estrutura inter e intraterritorial.

A esse respeito, Romero Contreras, parafraseando o filósofo e matemático Luciano Boi, menciona que "o surpreendente é que figuras topológicas apareçam na natureza, tanto na linguística como na pintura, como se avançassem transversalmente pelos domínios mais distantes" (2020, *online*).

Com essa possibilidade metodológica nos aproximamos da ideia já mencionada de Teixeira: o questionamento de Deus e o sentimento de sua ausência habitam uma espacialidade que se apresenta como eutópica e distópica ao mesmo tempo. Qual é a textura do sentimento de ausência? É possível que um sentimento tenha materialidade suficiente para habitar um espaço? Um espaço pode ser eutópico e distópico ao mesmo tempo? Se a poesia inclui sombras, inclui também a ferida, então a literatura e a transcendência se dobram e se desdobram entre a luz e a escuridão?

Nessas coordenadas multidimensionais, situamos a teopoética como teotopológica. Pensamos no nome do nosso grupo de pesquisa teopoética "Literatura e Transcendência" como uma possibilidade teotopológica, pois não se trata apenas de uma enumeração, mas se expande semanticamente como uma relação de "trânsito" em que o golpe que inscreve a letra abre a ferida que fala em transcendência para atingir novamente o molde da pedra que se transforma em literatura. Nesse sentido, a conjunção "e" não é mais meramente copulativa, mas indica o morfismo teotopológico eutópico e distópico com o qual tentamos abordar o indizível. Com esse ponto de vista como instrumento teórico, nos abrimos para encontrar, ou melhor, tocar, os vestígios do monstruoso no sagrado.

Por sua vez, a Red de Investigación Behemot leva o nome do monstro bíblico que em sua enigmática imensidão pode conter o Rio Jordão (*Jó* 40:16-23) e costuma ser usada para descrever o imensurável e o incompreensível. Este grupo, formado por pesquisadores latino-americanos, coloca seu trabalho estudando as margens do discurso religioso, o sagrado e o monstruoso como operação metodológica que dá conta desse fenômeno. Seguindo Jeffrey Cohen (1996), eles descobrem que o estudo do monstruoso é um desafio para os estudos culturais. Suas sete teses propõem uma enumeração de postulados inter-relacionados sobre a relação entre monstros e estudos culturais, e tentam um método para ler o monstro e o monstruoso como uma operação marginal,

mas fundadora – e, portanto, recorrente – do vínculo social. Para Cohen (1996), essa operação é uma "superfície epistemológica" disruptiva do abjeto, que se situa numa margem impossível de significar, gerando uma espacialidade ao mesmo tempo muito próxima e estranha. Nesse sentido, aproxima-se da já mencionada proposta da psicanálise sobre o estranho. Ao romper com a lógica binária de um ou de outro, ela nos posiciona no terreno onipresente e escorregadio de um e de outro, no espaço impossível entre duas categorias ontologicamente não assimiláveis que, no entanto, são assimiladas pela dobra de sua superfície. Esse morfismo inquietante, que exige um esforço epistemológico que suspende as categorias ontológicas e os significados habituais com os quais lemos os textos, distingue-se do ponto de vista que rejeita o que está fora da norma, expulsando de si o heterogêneo que não consegue captar, e que transforma em inimigas as montagens perceptivas que retornam das margens como fragmentos discordantes.

Sabemos que *monstrum* é formado a partir do étimo do verbo *monere*, avisar, mostrar. Em latim, era uma palavra que denotava acontecimentos prodigiosos e sobrenaturais, um aviso divino que revelava o que estava oculto: mostrava o que não se podia ver. Por sua vez, "dedilhar" se refere ao que é ouvido, ao ruído. Rompe com a repetição dele ao distorcer a superfície intacta e frágil do mundo.

O campo semântico do sagrado é problemático. Quando o evocamos e nos perguntamos sobre seu significado, uma vastidão de significados se abre, tecida entre as dobras do fenômeno religioso, com seu núcleo sinistro e tremendo, o absoluto e o inacessível, o mortal e o redentor, mas também entre o social e o íntimo. Roger Callois, em seu livro *O Homem e o Sagrado* (1942, p. 15) entende que "a religião é a administração do sagrado". Desta forma, coloca-se em jogo uma burocratização que, através de rituais e prescrições, tenta conter o risco que a sacralidade acarreta, ao mesmo tempo que o coíbe, expulsando o profano desta esfera. A este respeito, Bataille (1997, p. 127) introduz a ideia de que no mundo pagão "o puro e o impuro constituíam toda a esfera sagrada"; em contraste, a novidade do cristianismo rejeitou a impureza ao definir os limites do mundo sagrado. A partir daquele momento, "a impureza, a mácula, a culpa foram expulsas para fora desses limites. A partir de então, o sagrado impuro foi relegado ao mundo profano". Mas Bataille (1997) minimiza a oposição sagrado-profano, propondo o paradoxo de que o profano é também um "uso do sagrado", que ele chama de "princípio da profanação":

> Um lado do profano aliou-se ao hemisfério do puro; o outro, com o hemisfério impuro do sagrado. O mal que existe no mundo profano unido à parte diabólica do sagrado, e o bem unido à parte divina. Bom, qualquer que seja seu significado como trabalho prático, reuniu a luz da santidade. A palavra santidade, originariamente, designava o sagrado [...]. De modo paradoxal, a profanação cristã, sendo como era um contacto com o impuro, acedeu ao sagrado essencial, acedeu ao território proibido (p. 128)[3].

De nossa parte, também nos afastamos dessa oposição, entendendo que o profano, como aquilo que se situa fora do templo, como oposto ao sagrado, também pode ser pensado em uma relação topológica com aquele espaço. Se o que é rejeitado faz parte do sagrado, poderíamos situar o ato de profanar como o retorno violento do que foi expulso. Se foi expulso é porque é de lá que vem, a profanação é esse retorno que evidencia o caráter fragmentário que foi escondido ao explodir a fronteira, afasta do templo, mas o perfura ao mesmo tempo. É uma relação de furos através dos quais o interior e o exterior se sobrepõem, cortam-se e dão nós um ao outro.

[3] Original: Un lado de lo profano se alió con el hemisferio de lo puro; el otro, con el hemisferio impuro de lo sagrado. El mal que hay en el mundo profano se unió con la parte diabólica de lo sagrado, y el bien se unió con la parte divina. El bien, fuese cual fuese su sentido de obra práctica, recogió la luz de la santidad. La palabra santidad, primitivamente, designaba lo sagrado... De una manera paradójica la profanación cristiana, siendo como era un contacto con lo impuro, accedía a lo sagrado esencial, accedía al territorio prohibido.

María Caterina Jacobelly nos traz um exemplo bem trabalhado que nos aproxima dessa possibilidade. Em seu livro *Risus paschalis - O fundamento teológico do prazer sexual*, a autora expande a análise sobre os atos histriônicos e obscenos que alguns pregadores do século XVI realizavam durante a missa de Páscoa em vários países europeus, encenando atos sexuais e carnavalescos na liturgia que geravam risos e alegria entre os fiéis (Jacobelly, 1991, p. 24). Embora uma primeira aproximação destaque a necessidade de atrair a atenção e a permanência do público no templo, Jacobelly (1991, p. 58) ressalta que "o costume de comer e dançar dentro da igreja é muito antigo. É costume o almoço social que as irmandades organizam durante a Semana Santa". Além disso, as pessoas comuns também passavam a noite nas igrejas durante as vigílias, comendo e dançando. Segundo a autora, não podemos restringir a interpretação ao fato de que os templos abrigavam pessoas.

> A confirmação de que a interpretação é diferente é dada pelo fato de que essas danças e cantos obscenos também eram realizados ao ar livre, mas sempre em relação ao sagrado; além disso, o costume de cantar *turpia carmine* e de cometer *saltationes indecentes* no cemitério era muito difundido [...] Os documentos examinados oferecem um panorama suficientemente amplo para poder afirmar que [...] sobretudo o prazer relacionado com a esfera sexual, é uma constante na esfera do sagrado; quase sempre condenado, mas que resiste a todas as proibições (Jacobelly, 1991, p. 58)[4].

Os traços dissonantes, estrondosos e abjetos do monstruoso exigem o questionamento da ideia do sagrado como meramente metafísico, ou a descrição de objetos e práticas que denotam uma forma de espiritualidade, bem como a associação imediata e monolítica da religião e sua liturgia à pureza.

O encontro em Buenos Aires nos permitiu aventurar-nos na perspectiva teotopológica exposta para localizar um novo e fragmentário campo perceptivo: a possibilidade de descobrir a figura discordante e o sinistro na literatura, na teologia, nas imagens e nos discursos como aquilo que se apresenta inesperadamente, percebendo que há uma espacialidade diferente, o exterior como uma dobra abjeta do interior, que provoca hesitação e inquietação. Encontrando a tensão gerada pelo impuro e pelo profano como componentes do reino sagrado, no toque de seu relacionamento mortal e vital.

Abrimos assim esse campo perceptivo do sagrado, no qual é possível encontrar vestígios, marcas, estigmas do monstruoso e do monstro em espaços materiais e signos concretos, como o corpo, imagens, artefatos e amuletos, produções estéticas e literárias e performances.

A perspectiva teotopológica literária convoca ao encontro com as sombras do sagrado, com sua espacialidade de lacunas, com a mordida na carne que significa o advento do poético, o golpe que rompe o sentido e nos coloca em outra cena, na estranheza. Só nos resta abordar e tentar dar conta dessa operação que é sempre evanescente e impossível de ser apreendida e representada pela consciência. Por isso, há uma tendência de rejeitá-lo nos círculos acadêmicos. Por isso, no encontro desses grupos de pesquisa houve um convite a olhar para o insuportável, mesmo que por um momento; um convite que resulta também num espaço criativo que nos permite aprofundar nesta perspectiva metodológica que propõe perspectivas de superfície topológicas para pensar o divino e o sagrado, introduzindo a possibilidade do deformado ou informe como dobras ou morfismos espaciais.

[4] No original: Una confirmación de que la interpretación es otra, nos la da el hecho de que estas danzas y los cantos *obscenos* se hacían también al aire libre, *pero siempre en relación con lo sagrado*; es más, la costumbre. de cantar *turpia carmine* y de cometer *inhonestas saltationes* en el cementerio estaba ampliamente difundida [...] Los documentos examinados suministran un panorama lo bastante amplio para poder afirmar que [...] sobre todo el placer relacionado con la e*sfera sexual*, es una constante en la esfera de lo sagrado; casi siempre condenada, pero que resiste a todas las prohibiciones.

Referências

Bataille, G. *El Erotismo*. Tusquets: España, 1997.

Callois, R. *El hombre y lo sagrado*. México: Fondo de Cultura Económico, 1945.

Cohen, J. J. Monster Theory. In: Cohen. J. J. (ed). *Monster Theory. Reading Culture*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1996. p. 3-26.

Eidelsztein, A. *¿Topología en psicoanálisis?* Blog Alfredo Eidelsztein, 2019. Disponível em: https://eidelszteinalfredo.com.ar › topologia-en-psicoanal. Acesso em: 7 jan. 2025.

Jacobelly, M. C. *Risus Paschalis, El fundamento teológico del placer sexual*. Buenos Aires: Planeta, 1991.

Nogueira, P. A. S.; Carbullanca Nuñes, C.; Díaz Araujo, M. Ficção e imaginação no mundo das religiões. *Reflexão*, v. 47, e226820, 2022. Doi: https://doi.org/10.24220/2447- 6803v47e2022a6820

Romero Contreras, A. Topología: vecindad entre matemáticas y filosofía. Introducción à la entrevista con Luciano Boi. *Tópicos del Seminario*, v. 43, p. 183-212, 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-12002020000100183&lng=es&tlng=es. Acesso em: 5 jan. 2025.

Teixeira, J. R., *Vestigia Dei. Uma leitura teotopológica da literatura portuguesa*. Porto: Cosmorama, 2019.